

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMISSÃO ESPECIAL PARA ESTUDO DO SISTEMA PREVIDENCIÁRIO. *Previdência em Dados*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 05-44, abr./jun. 1992. Relatório final - Relator: Antonio Britto
- COVRE, Maria de Lourdes M. *Capital monopolista: da cidadania que não temos à invenção democrática*. In: *A cidadania que não temos*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FALEIROS, Vicente de Paula. *A política social no Estado capitalista: as funções da Previdência e Assistência Social*. São Paulo: Cortez, 1985.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA. *Por uma nova previdência*. *Conjuntura Econômica*. Rio de Janeiro: FGV, fev. 1992. p. 9-12.
- LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Kairós, 1980.
- MARTINS, Sílvia H.Z. *O descanso do Guerreiro: um estudo sobre a Instituição Previdenciária no Brasil, 1900-1937*. Assis, 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e Justiça: a política social na ordem brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- TEIXEIRA, Sonia Maria Fleury. *A assistência na previdência social - uma política marginal*. In: *O direito dos (des)assistidos sociais*. São Paulo: Cortez, 1989. p. 31-108.

Recebido para publicação em 7/7/1993

## UM ESTUDO SOBRE OS FATORES INFLUENCIADORES NA INICIAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE DA CRIANÇA

ARLI RAMOS DE OLIVEIRA<sup>1</sup>

OLIVEIRA, A.R. de. Um estudo sobre os fatores influenciadores na iniciação esportiva precoce da criança. *Seminário Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 308-315, set. 1994.

**RESUMO:** O presente estudo tem por objetivo analisar os possíveis fatores que influenciam na iniciação esportiva da criança, quando realizada precocemente e sem a devida fundamentação científica. A falta de uma disciplina específica voltada para o desenvolvimento infantil, na maioria das escolas de Educação Física do Estado do Paraná, segundo dados da Secretaria de Esportes e Turismo, tendo como consequência a falta de competência para o futuro profissional dessa área atuar com maior eficácia nessa faixa etária, são fatores considerados relevantes nesse estudo na tentativa de reverter esse processo. O ensino da Educação Física será tão significativo para a criança quanto mais se respeitar os princípios de adequação à faixa etária no desenvolvimento de suas atividades, graduando-se a dificuldade nas tarefas propostas, observando o seu nível de crescimento e desenvolvimento, sua criatividade e espontaneidade, suas diferenças individuais, bem como suas experiências prévias no desenvolvimento dessas atividades. A criança aprende quando está madura para aprender, sendo desaconselhado a ênfase na prática competitiva antes dos 12 anos de idade, e prevenindo a ocorrência de lesões, em função de possíveis excessos. Recomenda-se uma melhor formação profissional, partindo da reestruturação curricular das Escolas de Educação Física, com maior concentração na área de Crescimento e Desenvolvimento Infantil. Torna-se importante a adequação dessa prática ao nível de interesse e evolução da criança, respeitando-se necessidades, interesses e possibilidades de execução, motivando a criança a adquirir o gosto pelo movimento e manter o hábito da prática da atividade física, com a finalidade de preservar a sua saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iniciação esportiva precoce; criança; fatores influentes

Todo processo educacional brasileiro encontra-se na atualidade numa grande crise. Uma crise existencial, onde a mudança se torna necessária. E o momento de decisão se faz presente, exigindo de cada profissional da educação novas posturas políticas, onde um comprome-

timento maior com todo esse processo se faz necessário: por parte do professor, por parte dos alunos, pelos diretores das escolas, pelas Secretarias Estaduais de Educação, pelos seus governos. É necessário mudar o ensino nas escolas do Brasil, fazendo com que a Educação Física

1 - Departamento de Ginástica, Recreação e Dança/CEFD - Universidade Estadual de Londrina, Caixa Postal 6001, Londrina, Paraná, Brasil, CEP 86051-970.

se volte para o desenvolvimento global de cada aluno.

No Paraná, segundo dados da Secretaria Estadual de Esportes e Turismo, das 10 escolas de Educação Física existentes, apenas 3 delas possuem em seus currículos uma disciplina específica voltada para a Educação Física Infantil. Isso tende a acarretar uma carência na formação profissional e no desenvolvimento científico dessa área específica, notadamente percebida na atuação profissional e no seu desempenho. O ritmo de aprendizagem individual não é respeitado, limitando a participação do aluno em sua auto-organização, auto-percepção e auto-conceito. Em consequência, limita-se também a sua integração como ser independente, criativo e capaz. Continua o reforço ao autoritarismo, que forma pessoas passivas, sem opinião própria, tornando-as passíveis de qualquer forma de dominação. Percebe-se uma certa confusão entre processos de educação psicomotora e iniciação esportiva, por especialização esportiva. Que tipo de profissionais nossas universidades estão formando? Que perfil profissional é o mais adequado a nossa atual realidade? Será que não está sendo apresentado aos alunos de cursos de Educação Física um mero processo de reprodução, onde a preocupação maior continua sendo a transmissão de habilidades técnico-desportivas? Será que todo esse quadro que se apresenta não carece de uma auto-crítica mais aprofundada, ensejando tomada de posições mais fortes para que ele possa se reverter? Será que não está sendo impedida a evolução de todo esse processo, temendo o início de um ensino pessoal, individualizado, em aulas de Educação Física, onde o respeito às diferenças individuais e à evolução da pessoa e do homem em crescimento contínuo se fazem presentes? Diante desse quadro, tenta-se definir o papel do real educador.

## EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM

ALVES (1985) considera que educador não é profissão, mas vocação. E toda vocação, "nasce de um grande amor, de uma grande esperança". Aí talvez se encontre a grande dificuldade em criar novas alternativas. HURTADO (1987) acrescenta ainda que a um discurso que não é uma expressão de amor, "falta o poder mágico para criar". Percebe-se que a grande dificuldade na aprendizagem é a vivência que se tem sobre a experiência no aprender, pois o que é imediatamente experimentado, não precisa ser ensinado nem repetido para ser memorizado... e assimilado. E muitas vezes essa falta de amor, ou de reconhecimento pelo trabalho realizado, leva o educador a outras atividades mais rendosas, ainda que menos significativas. A buscar pela aposentadoria, e a manter distância dessas crianças o mais rápido possível. Mas toda vivência gratificante tende a ser repetida e, pois "que amante quereria aposentar o seu corpo depois de vinte e cinco anos de experiências de amor? O amor e a paixão não anseiam pela aposentadoria, porque são eternamente jovens" (ALVES, 1985). Torna-se necessário conhecer esse corpo, que se manifesta pelo movimento, com todos os seus significados perante a vida.

Semina Ci. Soc./Hum., v. 15, n. 3, p. 308-315

## MOVIMENTO E CORPO

Compreender a criança e o seu processo de desenvolvimento, torna-se uma necessidade premente, em especial dos que participam de seu processo de educação. A massa de informações que atinge o ser humano a cada momento é filtrada, selecionada, organizada, estruturada e mediada pela linguagem. É nesse mundo estruturado que se pode conhecer a si mesmo e se organizar o comportamento. O corpo é um produto da educação, e o corpo humano não é o organismo animal em sua imediatez biológica. O animal é o seu corpo. Porém o homem tem o seu corpo. E a esse corpo representado por grande complexo linguístico, se dá o nome de personalidade. E essa personalidade pode ser melhorada, em especial se lhe for dada "permissão" e liberdade no desenvolvimento de sua própria liberdade interior, para que possa atingir uma interpretação significativa de sua própria existência. E o educador de amanhã, seja o mais humilde professor de um jardim da infância, ou o reitor de uma grande universidade, terá de saber, ao nível pessoal mais profundo, que posição assumirá perante a vida... se está a manipular robôs humanos, ou a tratar com pessoas individuais livres. Torna-se necessário repensar a cada momento o papel do educador no processo de educação.

## REPENSANDO A EDUCAÇÃO FÍSICA NO PROCESSO EDUCACIONAL

HURTADO (1987) sugere um estudo mais aprofundado do movimento e suas implicações, enfim, do processo psicomotor, para conceitar a Educação Física como "conjunto de educação global, visando ao pleno desenvolvimento do aparelho locomotor, bem como ao desenvolvimento normal das grandes funções vitais e melhor relacionamento social". Parece que a educação dos movimentos, através de diversificadas experiências psicomotoras, tende a favorecer um bom desenvolvimento das capacidades naturais da criança. A questão é se essas experiências estão sendo adequadas ao seu comportamento psicomotor e às suas aptidões perceptivas. Questiona-se se o objetivo maior da atividade física não seria em primeira instância de caráter biológico, visando a melhoria da aptidão física. Por outro lado, as escolas de Educação Física tem enfatizado a prática de esportes individuais e coletivos. Pergunta-se se a devida atenção é dada aos aspectos de estímulo ao movimento como forma de expressão individual, formação de hábitos de higiene, e sociabilização. Torna-se necessário repensar se as atividades físico-recreativas propiciadas às crianças tem tido um real significado para elas. É preciso saber se os princípios de adequação à faixa etária, à criatividade, à graduação em dificuldade, à espontaneidade, estão sendo incorporadas pelas crianças nesse processo educativo. Como está o respeito às diferenças individuais, à liberdade de expressão, e às possibilidades de realização dessas crianças? As experiências de movimento a elas proporcionadas tem sido significativas e relevantes para o seu contínuo aprendizado?

Diferentes fatores podem interferir nesse processo, visando a motivação da criança à prática da atividade física (Figura 1). Uma atividade torna-se significativa na medida em que atende os interesses da criança, respeita suas necessidades, possui objetivos específicos, e em consequência, pode gerar grande motivação à sua prática.

## O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

ARAÚJO (1987) observa que é através da repetição dos movimentos que a criança vai adquirindo o controle de seus gestos motores, o que representaria no sistema nervoso central, um melhor isolamento dos cabos elétricos. Quando esse isolamento ainda não existe, os atos motores saem confusos e sem objetividade. Ou seja, torna-se necessário saber se a criança tem maturidade suficiente para aprender o que está sendo ensinado. A aprendizagem motora ocorre pela repetição de movimentos corretos. Quando esse gesto é feito erroneamente, estabelece-se um vício motor, tornando-se extremamente difícil eliminá-lo e instituir um padrão correto de movimento. Uma vez aprendido um ato motor, ele não é mais perdido por completo, mas se ele não é praticado frequentemente, cai sua possibilidade de acerto. Torna-se contraproducente tentar fazer a criança aprender algo para o qual ela ainda não está madura o suficiente. Isso pode levar à frustração. Mais uma vez, o

papel da escola torna-se importante nesse processo. Evitar a comparação com outras crianças, bem como não valorizar demais o grande desempenho, ou aquela criança que consegue fazer um gesto técnico difícil de maneira correta. Em especial no âmbito escolar, se deveria respeitar a individualidade biológica da criança, não antecipando a época de início de sua atividade física através da competição exacerbada.

TUBINO (1979) adverte que "a seleção precoce de crianças para uma determinada atividade especializada, fugindo a uma espontaneidade natural encontrada nas faixas etárias mais baixas, e transformando-as num meio de resultados de terceiros, é incompatível com os preceitos educacionais que devem dirigir um processo de treinamento desportivo, por maiores níveis que possam chegar esses futuros atletas". Isso sugere um cuidado maior com a ênfase na vitória a todo custo e a competição exacerbada, em função de seus nefastos efeitos.

## A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO NA PRÁTICA ESPORTIVA

Diversos estudos tendem a sugerir que a prática do esporte competitivo deva ser desestimulada em sua totalidade antes dos 12 anos de idade, em especial quando a ênfase maior é colocada no rendimento esportivo e na vitória a todo custo; pelos excessos que normalmente acarreta nas epífises ósseas, pela sobrecarga física; e



Figura 1 – ATIVIDADES SIGNIFICATIVAS E PARTICIPAÇÃO ATIVA AMPLIAM AS POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

Semina Ci. Soc./Hum., v. 15, n. 3, p. 308-315

também nas inserções musculares, podendo impedir o seu crescimento normal, por vezes de maneira irreversível (MALINA & BOUCHARD, 1991). Sugere-se que em especial trabalhos para o desenvolvimento da força muscular, na infância e adolescência, deveriam servir a uma formação geral harmoniosa: ser multiforme, variada, alegre, e corresponder à faixa etária que está participando da atividade. O período crítico de aprendizagem deveria assegurar a aquisição de técnicas esportivas básicas, sob sua forma rudimentar e se possível mais elaborada, graças a uma prática racionalmente orientada. A base da performance é lançada na idade escolar precoce ou tardia. No entanto, deve-se constar que todos os níveis de idade tem uma estreita relação de interdependência: os graus posteriores se constroem sobre a base antecedente (WEINECK, 1986).

PINI (1978) aponta diferentes aspectos que deveriam ser observados quando a criança estiver envolvida na prática do esporte, em especial através de competições. Que o instinto competitivo, sendo um sentimento inato no homem, deveria ser incentivado desde a infância até a idade adulta, pela atividade física através da Educação Física e do Esporte. Um exame médico geral seria imprescindível, bem como os retestes que se fazem necessários, e a constante vigilância médica durante os treinamentos. A iniciação da criança na prática esportiva obedeceria a grandes intervalos entre eles, que se vão tornando cada vez menores, à medida que o indivíduo vai passando da fase pré-adolescente para a puberal, e desta para a adolescência. A participação da criança nessa prática obedeceria a um verdadeiro ritual preparatório, cuja seqüência iria desde os exercícios físicos e naturais e os jogos recreativos, até a ginástica sistematizada e pré-competitiva. Sugere ainda o fisiologista, que as competições, na idade escolar, deveriam ser de caráter geral, sem visar a especialização esportiva, e se possível restritas ao ambiente escolar. A especialização esportiva deveria ser iniciada após uma preparação física de base, realizada desde a idade pré-escolar e escolar, em especial para as modalidades esportivas que melhor se adaptam ao organismo da criança, como a natação, ginástica olímpica, e outros esportes com regras adaptadas à idade do participante.

A falta de adequação às necessidades da criança, bem como o excesso de atividades que uma criança no mundo atual possui, pode ser uma das principais fontes de stress em seu organismo (Figura 2), ainda nesse período de vida.

Torna-se necessário analisar que fatores estão influenciando e contribuindo para que uma criança, na mais tenra idade, possa atingir níveis de stress antes só imaginado na pessoa adulta (HART, 1992).

### **FATORES INFLUENCIADORES NA INICIAÇÃO ESPORTIVA PRECOCE DA CRIANÇA**

Diferentes fatores parecem estar influenciando a participação da criança na prática esportiva e competitiva. Percebe-se um certo excesso de atividades no cotidiano da criança: natação, inglês, violão, computador, ballet, *Semina Ci. Soc./Hum., v. 15, n. 3, p. 308-315*

volibol, basquetebol, catequese, tarefas escolares... as crianças assemelhando-se mais a mini-executivos, que só não conseguem administrar o seu dia, nem escolher suas próprias atividades. Fatores sócio-econômicos também podem criar uma certa instabilidade e incerteza no seio familiar. Também a forte expectativa gerada pelos pais com relação ao desempenho esportivo das crianças, propiciam o aumento desse stress. No treinamento esportivo, a obsessão pela medalha parece engendrar um processo de compensação, pelas medalhas que os próprios pais não tiveram, mas se realizam se os filhos vierem a possuir.

O ritmo exagerado nos treinamentos a que as crianças são submetidas, na busca da vitória, em especial quando as mesmas são aprovadas num processo de seleção esportiva, ou disputam um lugar no time titular. Essa competitividade parece expor as crianças à tensões imensas, levando-as à depressão e ansiedade (HART, 1992). E nessa prática, a inadequação das regras dos esportes oficiais para as crianças, sem observar melhor o seu nível de maturação, suas possibilidades de execução, sua faixa etária, nível de crescimento, peculiaridades e interesses, parece que tem sido preponderante.

O desconhecimento por parte dos treinadores, orientadores ou professores, dos fatores que influenciam o crescimento e desenvolvimento da criança: fatores hereditários, ambientais, alimentação, sócio-econômicos, fatores psicossociais, parece sugerir que as vezes o grande problema no esporte das crianças... é o adulto! Percebe-se uma certa carência de profissionais especializados no setor infantil, ou estudiosos com maior competência para atuar nessa área. Com certeza, a inexistência da prática de Educação Física Escolar de 1ª a 4ª série no ensino público, orientada por profissionais de Educação Física, num período em que o desenvolvimento de habilidades motoras e movimentos básicos fundamentais se manifestam, tem contribuído para o estado em que se encontra essa atividade entre as crianças. E por vezes, o empecilho maior é a própria falta de tempo e espaço físico adequado para brincar. Criança não é adulto em miniatura, e brincar ainda é considerado hoje por grandes estudiosos da criança, a atividade mais séria e prazerosa da infância (MESQUITA, 1985).

### **PROVÁVEIS CONSEQÜÊNCIAS DA PRÁTICA ESPORTIVA INADEQUADA EM IDADE PRECOCE**

A sobrecarga emocional como conseqüência da cobrança que os pais, professores ou treinadores fazem em relação a performance positiva de resultado, tem sido fonte de stress para a criança (SMOLL et al., 1988). Como conseqüência, esse stress leva ao aparecimento de sintomas propícios à doenças ligadas ao ritmo de vida "moderno": colites, úlceras de estômago, enxaquecas, asma, em função de emoções abaladas. Por vezes, atrofia de membros menos exigidos ou crescimento desproporcional de outros, propiciando o aparecimento de desvios naturais. Mesmo o aparecimento de rachaduras e/ou fraturas ósseas espontâneas, sem uma explicação plausí-

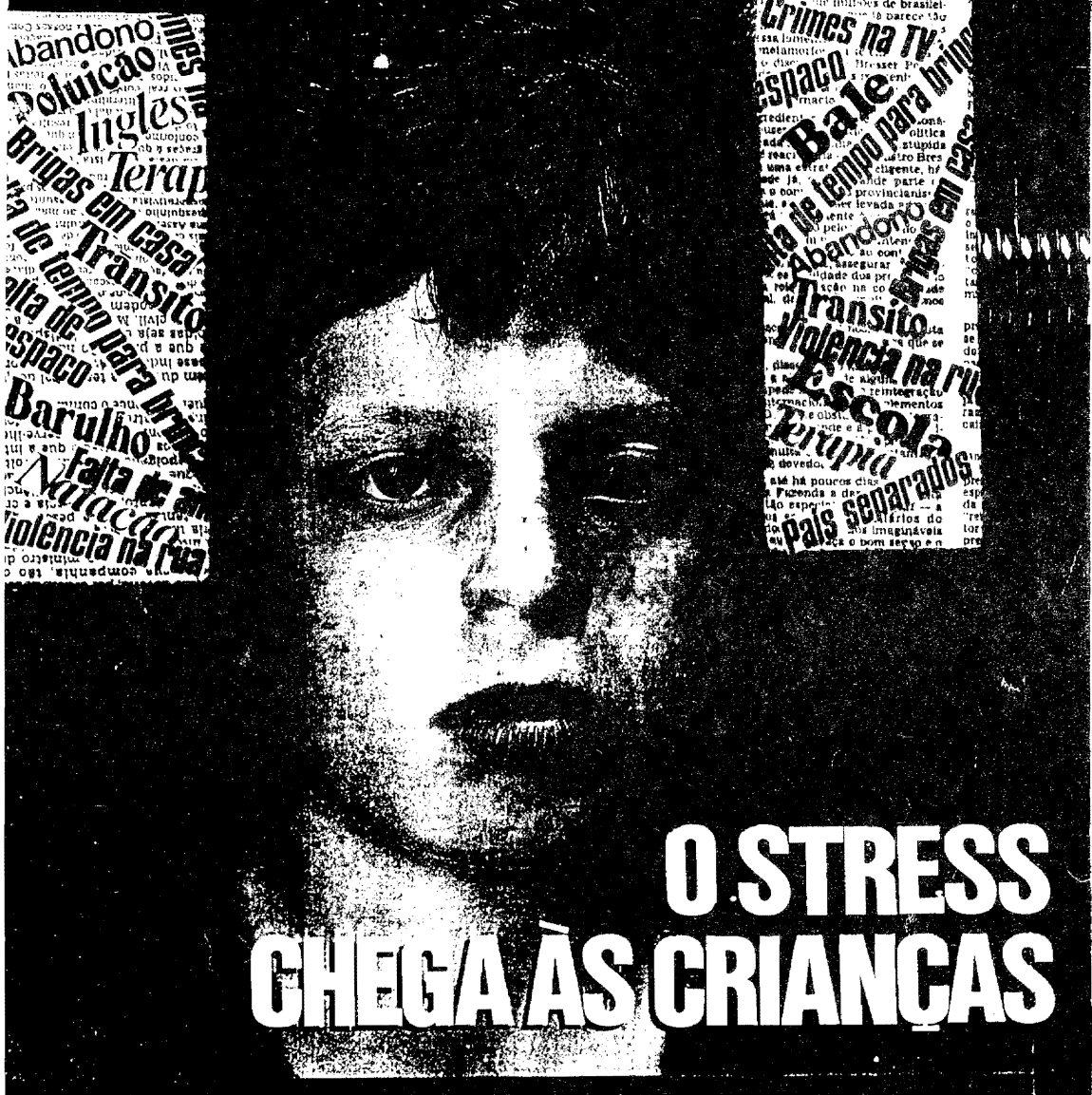


Figura 2 — O STRESS CHEGA ÀS CRIANÇAS

vel podem acontecer durante esse processo. Alguns trabalhos científicos nos Estados Unidos, tem citado a calcificação precoce das epífises ósseas, que pode limitar o crescimento normal da criança. Porém, acredita-se que a síndrome da saturação esportiva precoce, onde a criança no ápice do seu rendimento esportivo, passa a sentir aversão por horários rígidos de treinamento, ou da modalidade praticada pode contribuir para mantê-la afastada da atividade física no seu período de vida adulta. As crianças, pulverizadas entre dezenas de atividades, aperfeiçoam-se antes do período crítico adequado para o desenvolvimento de suas habilidades, e não encontram tempo sequer para formar uma turma de amigos, talvez o que elas mais precisariam visando ampliar ou passar a ter o seu círculo social.

A limitação do potencial físico compatível com o desenvolvimento da musculatura cardíaca para a realização de esforços anaeróbicos parece sugerir a hipertrofia das paredes do coração, com conseqüente débito de oxigênio durante o trabalho muscular. E quando os gestos técnico-esportivos são ensinados, um programa motor incorreto pode ser estabelecido e arquivado definitivamente ao se tentar ensinar habilidades motoras complexas às crianças, em especial no período em que o seu processo de maturação ainda se encontra em desenvolvimento.

Torna-se portanto cada vez mais necessário identi-

ficar as necessidades da criança, e reavaliar constantemente suas fases de maturação, no sentido de propiciar atividades adequadas ao seu nível. Ter um cuidado maior visando encontrar um ponto de equilíbrio entre os interesses dos adultos, e as necessidades de movimento da criança (Figura 3).

## CONCLUSÕES

Grandes cuidados e cautela se fazem necessários aos profissionais envolvidos no processo de iniciação esportiva precoce da criança. Torna-se fundamental o domínio de conhecimentos específicos para atuar nesse setor, em especial a respeito de crescimento e desenvolvimento, aprendizagem motora, e psicologia da criança, caracterizando as idades aproximadas de desenvolvimento e os estágios em que a motricidade da criança se diferencia. Com certeza, a fisiologia, biomecânica e anatomia, bem como metodologias mais significativas para elaborar os programas de iniciação esportiva para diferentes idades se tornam pré-requisitos a esse profissional. Uma análise mais apurada dos fatores que influenciam no desempenho físico e na performance da criança, em especial com relação à habilidade esportiva que está sendo ensinada, vislumbrando os seus períodos ótimos de aquisição de habilidades motoras gerais, caracterizan-



Figura 3 – UM CONFLITO ENTRE INTERESSES E NECESSIDADES

do a idade mais propícia para o desenvolvimento das habilidades motoras específicas, e as esportivas ou culturalmente aprendidas.

Se deveria atentar para as diferenças individuais nas diferentes etapas de crescimento e desenvolvimento motor, disseminando esses conhecimentos para serem aprendidos, estudados e debatidos com as crianças, e em especial com os seus pais. Os estudos sugerem que a época para início da atividade física competitiva não seja antecipada, e que a preocupação maior esteja voltada para a formação integral da criança, num ambiente em que prevaleça a liberdade de movimentos, a espontaneidade e a participação ativa. Para que essa participação se dê de forma significativa para a criança, ela deve causar alegria e prazer, estimulando seu auto-conhecimento e levando-a à interação com o mundo que a rodeia, de maneira dinâmica, livre e criativa.

## SUGESTÕES

Em função do presente estudo, sugere-se a democratização da prática esportiva, através de ações governamentais que busquem envolver um número maior de crianças na prática da atividade física com adequada orientação. O autoritarismo precisa ser eliminado de nossas aulas de Educação Física, já que o mesmo propicia a formação de indivíduos passivos, sem opinião própria, e portanto passíveis de dominação. A atividade física necessita ser estimulada sem obrigatoriedade. A partir do momento em que essa prática é obrigatória, ela se torna

dispensável, nociva e condenável. E nessa prática, a diversificação da atividade precisa ser levada em conta, propiciando à criança oportunidades para constatar seus limites, qualidades e deficiências.

Sugere-se estimular a psicomotricidade da criança, levando-a ao seu auto-conhecimento e à valorização de si mesma, bem como sua interação com outras crianças e com o mundo que a rodeia. O seu desenvolvimento integral deve ser buscado sempre. A formação de grupos homogêneos na prática esportiva competitiva precisa levar em conta o nível maturacional da criança, não apenas a sua idade cronológica. Torna-se necessário que o profissional saiba identificar as diferenças existentes quanto à idade cronológica, biológica, neurológica, mental, anatômica, sexual e dental.

Recomenda-se o desenvolvimento de técnicas e estratégias para adequar a prática da atividade físico-esportiva ao nível de interesse, necessidades e possibilidades de execução da criança, motivando a prática permanente para o resto de sua vida, e propiciando saúde. Tanto os pais quanto as crianças necessitam ser informados dos riscos de lesões nas atividades esportivas, e em especial como preveni-los, mas ao mesmo tempo oferecer condições para que as crianças decidam como participar dessas atividades.

Espera-se que não seja valorizado demais o grande desempenho, ao menos a nível escolar, não forçando excessivamente as crianças na prática competitiva. A escola exige não apenas para formar campeões, mas os futuros indivíduos adultos. Movimento é vida, logo a prática da atividade física deve causar efeitos de alegria e prazer.

---

OLIVEIRA, A.R. de Determinant factors on children in sport. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 15, n. 3, p. 308-315, Sept. 1994.

**ABSTRACT:** *This study has the purpose of analyzing the possible factors that early sport practice can develop on children, especially without pedagogical and scientific base. The lack of a specific subject concentrated on child development studies in most physical education courses in Parana State, according to Sports and Tourism Secretary, presents different degrees of competency levels in the field. The more meaningful the Physical Education teaching is the greater the respect to the principles of age, growth, maturation and development. It is necessary to improve sport skills, and to respect children's individual differences. The child learns when he/she is ready to learn, and excessive emphasis on winning should be avoided before the age of twelve, especially for injuries prevention. The awareness of child development changes and the modification of the curriculum in the Physical Education Schools are suggested. Physical activities for children should be meaningful, according to children age level and motivation, stimulating an active and healthy lifestyle.*

**KEY-WORDS:** *Child; early sport practice; determinant factors*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, R. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1985. 20p.

ARAÚJO, C.G.S. *Crescimento, Desenvolvimento e Aprendizagem Motora. Unidade II - Ensino à Distância*. Brasília: Ministério da Educação, 1987. p. 5-16.

*Semina Ci. Soc./Hum.*, v. 15, n. 3, p. 308-315

HART, A.D. *Stress and your child*. Dallas: Word Publishing, 1992. p. 33-90.

HURTADO, J.G.G.M. *Educação Física Pré-Escolar e Escolar de 1ª a 4ª série*. Porto Alegre: Prodil, 1987. p. 18-56.

---

MALINA, R.M.; BUCHARD, C. *Growth, Maturation and Physical Activity*. Champaign: Human Kinetics Publishers, Inc., 1991. p. 443-465.

MESQUITA, R.P. Educação Física nas Escolas Brasileiras - Uma realidade que ainda amedronta. *Revista Sprint*, Rio de Janeiro, Ano 4, vol. 3, p. 52-56, mar./abr. 1985.

PINI, M.C. *Fisiologia Esportiva*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978. p. 221-232.

SMOL, F.L.; MAGILL, R.A.; ASH, M.J. *Children in Sport*. Champaign: Human Kinetics Publishers, Inc., 1988. p. 43-67.

TUBINO, J.M.G. *Metodologia Científica do Treinamento Desportivo*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1979. p. 420-423.

WEINECK, J. *Manual de Treinamento Esportivo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Manole, 1986. p. 31-45.

Recebido para publicação em 01/4/1991

---

CUNHA, M.I. da **O bom professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1989.

Elaborada por: SILZA MARIA PAZELLO VALENTE<sup>1</sup>

---

O que motivou a autora a abordar o tema foi sua experiência, como professora, em situações diversas: professora de Didática, na Universidade Federal de Pelotas, docente de Metodologia do Ensino em Cursos da Faculdade de Educação e Apoio Pedagógico junto a professores em serviço nos 2º e 3º graus.

Cunha valoriza a sala de aula como lugar privilegiado do ato pedagógico escolar (daí porque se volta para ela ao procurar caracterizar e compreender a educação institucionalizada), mas a coloca num todo maior, a escola, e esta na sociedade. Procura, portanto, colocar o micro (sala de aula) em um universo cada vez mais amplo que forneça elementos para compreendê-la.

Justifica a escolha do professor como foco de pesquisa, não como uma maneira de valorizá-lo acima dos outros elementos que compõem o universo escolar, mas pelo seu interesse pessoal na compreensão do desempenho do mesmo.

Para chegar à compreensão do papel do professor na realidade atual, fez um levantamento histórico da educação, desde suas origens com os jesuítas, passando pela 1ª República (fortemente influenciada pelo liberalismo); pelos anos 30, com a introdução das idéias escolanovistas, momento onde aponta o verdadeiro papel que a Escola Nova desempenhou como mantenedora do modelo burguês de sociedade. Recuperou a fase dos anos 60, parte da década de 70, fortemente influenciada pelo tecnicismo, e penetrou em um panorama cheio de contradições e desesperanças, fruto falido de um passado repleto de tentativas mal sucedidas. A educação dos anos 80

pretendia ser crítica e questionadora, colocava o político no centro das discussões, mostrava que o problema da educação é estrutural, mas continuou tendo no professor um reprodutor; só que agora um reprodutor dono de um discurso que critica, questiona e se pretende revolucionário.

A revisão bibliográfica adentrou também o terreno das pesquisas sobre o professor e detectou que a maior parte delas **“são estudos-preditivos sobre as qualidades e habilidades necessárias ao profissional de ensino”**.

Segundo a autora, as pesquisas norte-americanas foram as mais divulgadas em nosso país. Os cursos de pós-graduação que foram implantados após a Reforma Universitária de 1968, seguiram na mesma esteira e também a produção brasileira foi marcada pela linha positivista. Só mais recentemente é que a produção da área educacional incluiu o político nas suas análises e possibilitou um grande avanço na compreensão do fenômeno educativo intra-escolar. Aponta, ainda, na revisão bibliográfica, um **“esforço bastante grande dos intelectuais brasileiros que se dedicam à educação, em realizar estudos que avancem nas propostas de formação dos educadores, assim como a realização de eventos tendo essa preocupação como foco central”**.

Cunha se posiciona favorável ao professor que faz da sala de aula uma fonte permanente de pesquisa, entendendo que só assim é possível a ele analisar e criticar a própria prática e, a partir daí, transformá-la. O cotidia-

---

1 - Departamento de Educação, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Caixa Postal 6001, Londrina, Paraná, Brasil, CEP 86051-970.